

VOZES MARGINAIS (ATUAÇÃO DA POESIA NA DITADURA MILITAR NA DÉCADA DE 1970 A 1980)

ITALO DE ANDRADE LOPES¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo evidenciar a poesia marginal no âmbito cultural na década de 1970 a 1980, buscando situar seus principais pontos frente à Ditadura Militar, como a atuação do *Nuvem Cigana* no Rio de Janeiro com suas Artimanhas bem como a análise poética.

PALAVRAS-CHAVE: poesia marginal, Ditadura Militar, Resistência.

ABSTRACT: This article aims enverdecia marginal poetry in the cultural sphere in the decade from 1970 to 1980, sought lies its pricinpais points against the military dictatorship, as the performance of the *Nuvem Cigana* in Rio de Janeiro with his Cuning, as well as analysis poetics, the resistance of some authors, Gullar and Carlos Drummond de Andrade.

KEY WORDS: marginal poetry, Military Dictatorship, Resistance.

8

INTRODUÇÃO

Entende-se a censura na Ditadura Militar, no que se refere ao âmbito cultural, e sempre está num conjunto de teias e paradoxos políticos que ao mesmo tempo em que proibia, incentivava a indústria cultural, um crescimento relacionado ao milagre econômico, denunciado em poesias como uma ilusão ao massacre capitalista, submetido à população nacional.

O “enforcamento cultural” aos artistas recaiu pós AI-5 (Ato Institucional Nº 5), desenvolvendo e aplicado por órgãos repressivos do Estado, a cargo do Departamento

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí. e-mail: italolopesitalo@outlook.com

de Censura e Diversões Publicas, comandados pela Polícia Federal ligado ao Ministério da Justiça.

Paradoxalmente, o incentivo teve largo financiamento na produção e distribuição de obras, chegando a ter um teor cômico, em meio à grande tragédia, perseguição e censura, na cara, e distribuição de renda para o alargamento cultural, na coroa, duas faces ambíguas.

Muito importante ressaltar que muitas instituições do governo no setor cultural estavam sob direção e responsabilidade de pessoas pertencentes às artes, do meio intelectual, educacional ou jornalístico.

Principalmente no Governo Geisel (1974-1979) essas contradições estão sempre presentes nessa política de distensão, onde mais um paradoxo e visualmente destacado. Trata-se do caso dos artistas, que ao mesmo tempo em que aderem a uma economia capitalista internacional, desenvolvia uma política nacionalista, na qual pretendia instaurar uma cultura face à invasão da estrangeira.

Contra o regime autoritário e ditatorial ao longo dos anos de 1970 ao início dos anos de 1980, foi se criando uma cultura alternativa fora e independente em meio universitário, fora da Indústria chefiada e controlada pelos militares.

Em capitais como o Rio de Janeiro onde o destaque se dava pela nuvem cigana, que será abordada longo mais na frente, surgia uma cultura *underground*, uma abertura de uma crítica diante do humor, ousadas que furava o ato institucional, os mesmos que buscavam novos espaços na sociedade brasileira, considerados excluídos agora lutam para de sua voz de esperança e liberdade.

Marca dessa geração era busca por novos espaços e formas de participação política, como os movimentos de minoria (homossexuais, mulheres, negros), o movimento ecológico e os movimentos culturais. (NAPOLITANO, 2014, p. 124)

A geração poética nessa década era muito peculiar e diferenciada, sem dinheiro para imprimir seus livros e poesias por conta da falta de incentivo, por se considerada clandestinos e marginais, os poetas eram considerados a geração mimeógrafo, utilizam dessa máquina e depois, lutavam para distribuir nas cidades, assim ganhado as ruas, vendendo-os de porta em porta de cinemas, bares, teatros, buscando, a sensibilidade do leitor, um espírito ante-burgues, nomes como Paulo Leminski, Alice Ruiz, Chacal, Cristina Cesar se destacaram na década de 1970.

Dentro destas poesias marginas podemos encontrar tensões sobre o acontecido na Ditadura militar, destaque para a crítica da opressão, muitos de depoimentos reais, como o caso de Alex Polari, preso no Regime Militar, seja seus poemas com morte, medo, devemos nos concentrar na condição de um diagnóstico oferecido de seu tempo, o sufoco sofrido, a busca pelo caminho da liberdade e reconhecimento de sua obra.

A poesia marginal não foi recebida pacificamente, já não bastava a censura prévia de qualquer ato ou manifestação subversiva, que percorria universidades, imprensa, de críticos e autores que consideram a obra marginal “Poesia ruim”, ainda tinha um preconceito social, aos mesmos relacionado ao contra a turma da contra cultura, o pessoal que usava drogas, lia poesia *beat*, escutava rock, cortava os cabelos, fumar maconha, se desvinculando da preocupação da comunidade, veremos um desvio ao regime, e um início de uma colaboração a ditadura, a crítica está clara na libertação do cotidiano.

Ponto final da viagem contra cultural iniciada pela geração beat, passando pelos *hippies*, a galera do desbunde aprontou mil e umas. Colocou em xeque valores poderosos como a racionalidade e a autoridade, a propriedade. A libertação do corpo tange não só sexual, mas a moda, os gestos, as drogas, o comportamento e o cotidiano em geral. (SALGUEIRO, 2002, p.30).

10

Traço das características de resistência da poesia marginal e o objetivo deste trabalho, como também, análises de obras que nos mostram a real situação sofrida e imposta pela ditadura militar.

Obras como a *Rosa do Povo* (publicado em 1945) de Carlos Drummond de Andrade com temas sociais, como também, trabalhos de Ferreira Gullar, em seus brilhantes, *Dentro da noite veloz* (1975), *Poema Sujo* (1976) nos mostram uma realidade contraditória e injusta. Fundamental e não menos importante a poesia de testemunho de Alex Polari em seu trabalho com inventário de cicatrizes.

A análise desses poemas propicia uma compreensão de como realmente era a sociedade na década de 1970 na visão dos poetas, sem sombra de dúvida uma coisa nova, e pouco analisada, pois quando relacionamos estudos sobre a cultura na Ditadura Militar. Dessa maneira, pegamos os textos produzidos, que nos mostram uma abordagem sobre teatro, cinema, música e a imprensa de modo geral.

São muitos os motivos que colocam a poesia dos anos de 1970 e uma condição menos favorável para pesquisa, a própria dificuldade em encontrar documentos, já que não se tinha uma valorização, mas também a falta de interesse em salvá-los como documentos históricos, Hollanda e Brito analisam esse cenário com um texto de 1974 sobre a produção poética daquele momento:

As dificuldades que nos impedem de ter uma visão de conjunto da nova poesia brasileira são incontáveis. Nesta recente intensificação espontâneo da nossa produção poética, parece predominar o caráter dispenso e desconhecido, a capitalização tem significado para novos autores o fechamento de suas publicações e distribuição. Na tentativa de superar esse bloqueio que os marginaliza, levaram a engenhosa que os caracterizaram a geração mimeógrafo, de uma poesia pobre e artesanal (1974, p.81)

Como vimos a poesia eram feitas de forma artesanal, sem incentivo industrial, o que dificulta muito no seu estado de conservação, e na sua permanência.

Uma poesia subjugada e tirada de lado, mas vai haver uma grande intensificação nesse âmbito, principalmente no Rio de Janeiro, onde a atuação de autores no Nuvem Cigana será de extrema significação para a poesia.

11

POESIA E DITADURA NOS ANOS DE 1970

Uma ilusão aos olhos da população brasileira frente à ditadura e uma marca ainda presente em nossa sociedade, e uma geração econômica (milagre brasileiro) ou a permanência de um conservadorismo, enraizada no Brasil, uma dificuldade em aceitar uma mudança, tendo um déficit de memorização de sua história nacional.

Esse intenso desenvolvimento econômico que fez propaganda do regime militar, o acelerado desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, a intensificação da indústria cultural, facilitou o controle da população pela sedução do consumo, iludindo com a promessa de ascensão social.

Com uma sociedade controlada e idealizada acaba por esquecer que estão sobre um regime militar, com uma censura constante, convivendo e esquecendo de pessoas que desaparecem, do meio social, esquecidas em cadeias vitimadas por violência.

Agora não se fala mais, toda palavra guarda uma cidade, e qualquer gesto é o fim do início

Agora não se fala mais nada e tudo é transparente em cada forma.
Qualquer palavra é um gesto e em sua orla os pássaros de sempre
cantam nos hospícios.
Você não tem que me dizer o numero de mundo deste mundo não tem
que me mostra a outra face, face ao fim de tudo:
Só tem que me dizer o nome da república do fundo, o sim do fim, do
fim de tudo, e o tem do tempo vindo;
Não tem que me mostra a outra mesma face ao outro mundo, não se
fala, não é permitido, mudar de idéia, é proibido.
Não se permite nunca mais olhares, tensões de cismas crises e outros
tempos.
Está vetado qualquer movimento. (TORQUATO NETO, 2007, p. 60-
61)

Está bem direcionado nas facetas da ditadura militar, Torquato Neto nos traz muito bem a questão da censura quando em seus versos “não se fala mais” sempre dando ênfase a isso, como uma sociedade que se calou ao uma regime autoritário, “ não e permitido” mudar de ideia, é proibido, a fato de não segui as regras e tentar distorce o sinônimo de ordem e progresso, crime grave cometidos contra o Estado .

O país passava por péssimos momentos - com os direitos de cidadania restringidos, coma fiscalização de órgãos departamentais, responsáveis pela fiscalização, um anagrama, um poema visual (MATTOSO, 2001, p.18), do ano de 1977 nos mostra as pricipais chefias de censura, mas ao mesmo tempo embasada de um teor crítico.

S N I F
D O P S
C C C P

Vejamos a ilustração clara e evidente de uma crítica em forma de poesia concretista das instituições que rege a censura na ditadura militar, o Serviço Nacional de Informações (SNI), dirigido pelo general Golbery do Couto e Silva, seu objetivo de supervisiona e coordena as informações dentro ou fora do Brasil, basicamente levantava fichas de suspeitos, contra o regime militar.

O comando de caça aos comunistas (CCC) uma organização anticomunista de extrema direita e uma organização que tem seu surgimento antes de mesmo do regime militar brasileiro, muitos dos membros se disfarçados em grupos considerados suspeitos e deletavam, muito atuante em todos os espaços públicos e privado.

O terceiro órgão de atuação do Estado e departamento de Ordem Política e Social, já e bem antigo antecessor de outro regime o Estado Novo, ou seja uma herança incorporada pela Ditadura, seu objetivo eram controlar e reprimir movimentos políticos e sociais, principal órgão a organiza a disciplina.

A crítica do autor se baseia em xingar todos eles, observe que no meio dos mesmos esta a sigla (FDP), popularmente conhecido nos meios sociais como denominação de filho da puta, nos mostra que a presente poesia esta contrario todas as finalidades das instituições, em suma contar como um desvio de comportamento padrão do sistema.

Para mostra a atuação dos órgãos principalmente a do DOPS. Paulo César Fonteles de Lima, onde nitidamente mostra a realidade da época estampada em cada verso, assim denuncia práticas ocorridas e causadas pelas as instituições que daria ordens para tais militares, o Choque e um conjunto de verdades através de uma poesia de depoimento.

Um magneto, um dínamo, dois fios
Eletricidade, na língua, no pênis, no ânus, na cabeça
Alucinado o corpo trepida no pau de arara escarrando sangue
O sargento, aquele que gira o dínamo ri

13

A poesia de depoimento e um documento de extrema importância para entendemos o cotidiano de pessoas que sofreram atos de repressão, esses poemas são, de certa medida vômitos. Evocam a clandestinidade, a tortura, morte, e a prisão, tudo absolutamente. É vivência real, daí serem diretos e descritivos. Servem também para reter uma memória essencial, fadada a se diluir (SALGUEIRO, 2002, p.38), palavras de Alex Polari.

Notamos com todo o discurso dos poemas e suas constituições que uma característica da poesia produzida durante a ditadura militar é o uso da linguagem coloquial, propostos pelos poetas da primeira geração do modernismo.

Tal repressão levou a uma intensa quantidade de produção proibida como os poemas eróticos que são divulgados por meio de fanzines artesanais em mimeógrafo, o mesmo esquema de distribuição dos poemas marginais, sua grande feito foi quebra o a grande barreira do moralismo.

O papel das revistas foi fundamental para a divulgação na década de 70, a partir dos relatos de Paulo Leminski, se tornaram mais importantes que os autores, pois muitas das vezes usava pseudônimo para não correr o risco de ser perseguido.

A possibilidade de escrita circulada como também o anonimato fez com que todo mundo pudesse participar e criar voz frente à ditadura militar. O movimento agora está intenso, destacamos o papel das escritoras femininas, uma participação bem efetiva na qual se desvinculava de uma poesia de “donzela apaixonada” e se mostra capaz de retratar aspectos da vida em busca da libertação.

NUVEM CIGANA PERFORMANCES E ARTIMANHAS NA DÉCADA DE 70

Seu título é oriundo da canção harmônica gravada por Milton Nascimento, fundada por Ronaldo Bastos em 1972, diferentemente das outras coleções poéticas como a Poetisa de São Paulo, a nuvem promovia artimanhas, espetáculos que faziam com que prendesse atenção das pessoas em pleno regime militar, poetas como Chacal, Charles, Ronaldo Santos, Bernardo Vilhena têm destaque como componentes da *Nuvem Cigana*.

Obras foram publicadas de maneira alternativa, dentro do espírito dos poetas marginais. Todas as apresentações eram um verdadeiro espetáculo de mistura cultural, centradas na declamação de poemas, ora encenados como também embalados com trilhas musicais.

Uma característica se relacionado com a ditadura militar se refere na interferência do cotidiano onde teria alcances políticos. Toda mudança fora da ordem afetava de todas as formas o regime. O próprio fator de se montar palanques e discursar suas poesias e uma forma clara de crítica na liberdade de falar.

Explica Chacal como apareceu a nuvem cigana no cenário poético na década de 70, e como teve forte influência de Londres nas performances de Allen Ginsberg em 1973 em um evento internacional de poesia no Queen Elizabeth Hall.

Em Londres, em 73, eu fui ver um festival de poesia mundial. Na época eu só ia ver show de rock, os grandes conjuntos pop, a música eram muito mais forte. A poesia eu fui ver por curiosidade e também porque na época eu já havia escrito dois livros, mas derrepente eu estava lá vendo aqueles poetas todos circunspectos, da Cortina de Ferro, da África, lendo poemas para uma plateia imensa, com aquela

postura tradicional, de poeta acadêmico. Ai anunciam o Ginsberg e ele entra com um macacão Lee, uma muleta, uma perna engessada, aquela cara desganhada, senta-se á mesa e começa a falar as poesias dele, até que num dado momento ele tira uma sanfonia de lado, começa a marca a métrica e o ritmo com a sanfona e falar aquele blues...eu pensei que se um dia eu falasse poesia, seria com aquela dicção. (CHACAL, 1979, p.61)

Chacal totalmente espirado e convicto em trazer essas performances para o Brasil, reuniu uma turma para uma festa de voz e violão, uma escola de samba Charme da Simpatia, dança, áudio visual e poesia, o grande problema e de como declama pois ninguém falava poesia no Rio de Janeiro na década de 70, a saída para prática era organizar comícios, pois assim poderia ensaiar a declamação.

A poesia é a criação mais barata a situação mais delicada
O tombo mais alto porque os palhaços pensam que têm a cabeça
de borracha.

(Charles, Coração de Cavalo, 1979)

Charles fala sobre poesia e poeta no pico mais elevado. A utopia máxima da poesia - alimentar revoluções, analisando o primeiro verso teremos a poesia uma criação barata onde se necessita de uma caneta e um pedaço de papel, e uma crítica à Indústria cultural que alimentava a economia do regime militar, a situação mais delicada e referente à censura que os colocava como marginais.

Na parte final do poema o tombo esta relacionado à circulação das ideias que entra e bater nas cabeças das pessoas, que por final mudam sua concepção do regime, pensam que têm a cabeça de borracha, o sujeito palhaço e na verdade os militares e apoiadores do regime na qual que apagar a existência de uma poesia crítica, não só, mas como a música, teatro etc, exilando, prendendo, torturando.

As preocupações mais comuns dos poetas eram como tirar a poesia do livro e dizer ao público, como vencer a timidez e a insegurança até porque não tinha um modelo exato era uma coisa nova a se fazer no Brasil.

O conteúdo político nas performances só vai ficando mais claro à medida em que as Artimanhas vão acontecendo, declarações em público contra o regime, músicas de teor contraditório, poesia diretas e indiretas contra a ditadura militar e os problemas sociais, que começaram a incomodar as autoridades que via que não eram mais brincadeira de bairro, agora já tinha que se fiscalizado com mais vigor.

Um acontecido em 1976 ocorreu na MAM uma das principais realizações da Nuvem Cigana, espalhou-se cartazes pela cidade, contratou-se diretores, ou seja, estava ficando mais profissional ao final do evento, policiais com cães abordaram integrantes do evento. Tal acontecimento já mostrava que a organização cultural era uma ameaça para o regime.

Logo após o acontecimento Chacal escreve um artigo-poema com o título de Artimanha que se assume uma crítica ao regime militar:

Artimanha se faz na rua, precisamente no meio dela.
Artimanha nasceu para dar nome ao que não era poesia, música, teatro, cinema apenas mente. Era tudo e mais-e mais que tudo-tudo aquilo. QUAL o nome da criança - Mustafá ou Salomé, homem ou mulher, cocaína ou rapé - qual o nome, qual o nome? Nenhum outro senão Artimanhas.
Artimanhas se faz com artifício e Artimanhas, artefato plástico.
Pernas palcos e vedetes, chicletes chacretes, folia, Artimanha é comício na Cinelândia na central é perigosíssimo, é o início do fim de tudo, é o bolo confeitado enfeitado.
Artimanha é denúncia é discurso é infâmia, e o produto de um povo não soube até agora o que é interferir, o que votar o que é liberdade o que é democracia o que é o que é.
Artimanha sabe que sem malandragem não é possível, sabe que é preciso ocupar espaço, sabe que é preciso gastar munição, sabe que Torquato é oito como biscoito torto ai meus dentes.
Não aceite imitações, exija ARTIMANHAS (CHACAL, 1976, p.32)

Analisando o discurso poético de Chacal temos de fato trechos políticos que assume o papel da Nuvem Cigana como sujeito que a parte desse acontecimento para lutar por direitos no regime.

Artimanha e comício mostram como eram apresentados os espetáculos de maneira que possa interagir com a comunidade, hoje relacionado tais eventos como uma abordagem política de um candidato que se aproxima do povo, “denúncia e discurso” nos refere ao ato de subir o palanque não só mais para recitar sua poesia mas agora para denunciar a ditadura militar e os problemas sociais. O penúltimo verso é evidente que trata-se de uma crítica ao regime, que acabou com a liberdade com o direito de escolha dos brasileiros.

Podemos afirmar que a Nuvem Cigana estava sob aspectos da contracultura – juventude, drogas, poesia, estilo de vida alternativo, uma experiência comunitária para fazer face ao regime. De fato a nuvem tinha um estilo de vida próprio em palavras de Foucault “dar um nome a obscuridade” e foi o que fizeram.

De fato a poesia estava em todos os lugares e a atuação da Nuvem no Rio de Janeiro, foi muito significativa em suas performances em seu projeto de Artimanhas, que surge como brincadeiras de amigos, mas toma um caminho político, que deve-se ao pelo contexto da situação, que levou a lutar pela liberdade social.

Em outros lugares como São Paulo com participação de membros da Poetasia os poemas eram divulgados.

Chove poesia no centro sul de São Paulo “Alfredo Simonetti, Jorge Luiz de Sousa e Rinaldo Gama- integrantes do grupo Poetasia e autores do livro Quinta Estação- por volta de meio-dia lançaram, do alto do 43 andar do Edifício Itália, 40.000 folhetos com poemas promovendo um autentico dilúvio de poesia sobre a cidade. (HOLANDA, 1982, p.8) .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E verdade que por muito tempo a Ditadura Militar censurou muitos autores e obras na cultura brasileira ao mesmo que incentivou a indústria cultural, com o propósito de cooptação, impulsionando uma poesia marginal e clandestina que estava em busca de maior visibilidade e participação política social.

A repressão não impediu a grande circulação de poesias no dentro da sociedade, influenciado a mente comunitária e jovem que incorporou novas tendências e práticas, transformando o cotidiano.

E evidente que todas essas práticas que fugiam da ordem e progresso eram consideradas subversivas e não aceitas, mais em muitas das vezes passavam como vista grossa, principalmente nos âmbitos universitários.

Em suma, a ditadura militar vem de uma herança do Estado Novo, no qual manifestou-se um complexo de aceitação paradoxal, quando se trata de políticas culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APARECIDA, Thanis. *A importância da Poesia na Formação do Leitor*. Mato Grosso do Sul: edição número 20, 2014.

CRISTIANE, Carla. *As impurezas da ditadura militar*. Porto Alegre: Revista eletrônica, 2005.

VALIM, Cimara. *A resistência poética de Ferreira Gullar*. Porto Alegre: Revista eletrônica, 2005.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo Brasileiro*. São Paulo: Record, 2000.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CHARLES. *Creme de lua*. Rio de Janeiro: Nuvem Cigana, 1975.

CHACAL. *Quamperios*. Rio de Janeiro: Nuvem Cigana, 1977.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T.A Queiroz, 2000.

HERALDO, Francisco. *A poesia na ditadura militar: como escrever quando tudo é proibido*: Cifefil, 2001.

HOLLANDA, L.B; PEREIRA, C.A. M; HOLLANDA, H.B; *Poesia jovem (anos 70): seleção de textos, notas, estudos bibliográficos, histórico e crítico e exercícios*. L.Miccolis; M.A; Melo (com). São Paulo: 1982.

SALGUEIRO, Wilberth. *Forças e formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea (dos anos 70 aos 90)* Vitória: EDUFES, 2002.

AMPARO, Maria. *História e repressão: fragmentos de uma memória oculta*. Londrina: ANPUH, 2005.

SALGUEIRO, Wiberth. *Poesia de testemunho (com doses de humor)*: Alex Polari, Glauco Matosso, Leila Miccolis e Jocenir. Espírito Santo: Signótica, 2013.

AUGUSTO, Cristiano. *A poesia de resistência á ditadura militar: um estudo de suas configurações*. Vitoria da Conquista: *Revistas de Letras*, 2013

CHACAL. *Nariz*. Rio de Janeiro: Nuvem Cigana, 1979.